DESIGN E IDENTIDADE: PARÂMETROS PARA A HUMANIZAÇÃO, BEM ESTAR E IDENTIDADE PARA PROJETOS DE INTERIORES RESIDENCIAIS.

HELENA SCHIAVI BANKUTI (PIBIC/CNPq/FA/UEM), ANA PAULA TORQUETI GAVIOLI (mestranda); MARCELO DOS SANTOS FORCATO (Orientador).
E-mail: msforcato2@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Tecnologia, Cianorte, PR.

Ciências Sociais Aplicadas/ Desenho Industrial

Palavras-chave: humanização; bem-estar; design.

RESUMO

Este estudo analisa a humanização de ambientes residenciais, com foco em sala e cozinha, considerando bem-estar, identidade, funcionalidade e significado. Por meio de pesquisa bibliográfica e aplicação de questionário com 86 participantes, identificou-se a relevância da organização, iluminação, cores, funcionalidade e, principalmente, objetos pessoais na criação de ambientes agradáveis, acolhedores e significativos.

INTRODUÇÃO

A residência é mais do que um abrigo, é uma extensão da identidade de seus ocupantes. Nela, seus moradores se expressam de diversas maneiras visuais ou cognitivas, por meio de cores, símbolos, ícones, criam significado, histórias, memórias, sensação de pertencimento. Entretanto, é conhecido que o modernismo reduziu em muito a aplicação dessas características estéticas e simbólicas nas residências contemporâneas (Colin, 2000). Além disso, elementos culturais também têm se evadido dos interiores residenciais.

Neste contexto, Pallasmaa (2017) menciona que a falta de raízes se torna sinônimo de solidão desapegada, discorrendo sobre o mundo consumista contemporâneo e correlacionando-o com o vazio existencial. Ele ainda critica as escolas de arquitetura, afirmando que as mesmas ensinam a projetar casas, edifícios, blocos de concreto, porém, não ensinam a projetar lares, distanciando a arquitetura da identidade do habitante (Pallasmaa, 2017).

Com a pandemia da Covid-19 e a necessidade de isolamento em casa, as pessoas passaram a reavaliar seus espaços residenciais. Essa necessidade e a obrigação de passar mais tempo em casa, realizando atividades do trabalho, da família e lazer, fez com que o ambiente fosse ganhando conotações complexas misturando aspectos das obrigações laborais com a ideia de refúgio. Isso culminou no desejo de adequação do ambiente residencial na direção de soluções que promovam bem-estar e saúde mental e psíquica.

Neste sentido, este trabalho propôs a exploração dos hábitos do morar, analisando aspectos de interiores residenciais e seu distanciamento simbólico dentro do consumismo atual, tendo como foco a contribuição do design e arquitetura para a humanização, bem-estar e qualificação dos interiores destes ambientes.
Desta forma, esta pesquisa caracteriza-se como pesquisa aplicada e descritiva, possuindo delimitação nos interiores residenciais brasileiros, mais especificamente da região sul do Brasil, da qual um questionário estruturado foi utilizado como Pesquisa de Campo. O levantamento teórico foi realizado por meio de Revisão Bibliográfica Sistemática.

REVISÃO DE LITERATURA

Conceitos como humanização, simbologia, identidade e funcionalidade assumem um papel central na compreensão das relações entre indivíduo e realidade, uma vez que permitem analisar como os sujeitos percebem, interpretam e interagem com o mundo. Tais noções não se restringem a um único campo disciplinar, sendo abordadas sob diferentes perspectivas teóricas que envolvem dimensões psicológicas, sociais, culturais e cognitivas.
A experiência humana é constituída por múltiplas dimensões inter-relacionadas, sendo influenciadas pela cultura, simbologia, identidade, funcionalidade, estética (Pallasmaa, 2017; Norman, 2008). Dessa forma, a articulação desses conceitos permite uma compreensão mais ampla e aprofundada das relações entre indivíduo e mundo, destacando a necessidade de abordagens que considerem a complexidade da experiência humana. Tal perspectiva contribui para o desenvolvimento de análises mais críticas e fundamentadas, essenciais para a produção de conhecimento nas áreas das ciências humanas e sociais.
Atrelado aos conceitos discutidos, a humanização de ambientes tem como objetivo central a promoção do bem-estar humano (Pallasmaa, 2017). De forma geral, a humanização de ambientes pode ser compreendida como um processo que integra fatores físicos e subjetivos por meio de espaços mais acolhedores e alinhados às necessidades humanas, promovendo bem-estar físico e mental.
Elementos naturais como revestimentos em pedra ou madeira, texturas, a iluminação natural, a ventilação, o uso de elementos vivos e verdes (biofilia) se destacam como estratégias relevantes nos espaços internos, contribuindo para a melhoria do conforto ambiental e para a promoção de sensações positivas. Pesquisas recentes apontam que a conexão com a natureza, mesmo em ambientes construídos, está associada à redução do estresse e à melhora da saúde mental (Yin et al., 2020). A identidade, enquanto construção subjetiva e dinâmica, está diretamente associada às experiências, valores, hábitos e memórias dos sujeitos, podendo ser materializada por meio de elementos do ambiente construído (Pallasmaa, 2017).
Percebe-se, portanto, a necessidade de ampliar a aplicação dos princípios de humanização aos ambientes domésticos, compreendendo-os não apenas como espaços funcionais, mas também como meios capazes de atender às dimensões

emocionais, sociais e individuais dos usuários, além de expressar e reforçar suas identidades. Essa perspectiva, especialmente nas relações entre arquitetura, design e interiores, tem sido discutida no campo da Psicologia Ambiental.

Estudos indicam que o espaço da cozinha exerce papel central nas interações sociais, sendo capaz de influenciar a frequência e a qualidade dessas relações (Moslehian et al., 2023). O ato de cozinhar e compartilhar refeições também está associado à transmissão de tradições, à construção de vínculos sociais e à consolidação de hábitos que refletem o pertencimento cultural, contribuindo para a construção de significados e para o fortalecimento de vínculos sociais e culturais (Woortmann, 2007).

Assim, projetar não se limita à organização estética ou funcional dos ambientes, mas implica compreender o usuário em sua complexidade, considerando suas experiências, repertórios, narrativas e aspirações. Dessa forma, o espaço torna-se uma extensão do sujeito, contribuindo ativamente para seu equilíbrio emocional, seu autoconhecimento e sua qualidade de vida (Norman, 2008; Pallasmaa, 2017).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi realizada pesquisa que contou com a participação de 86 respondentes, cujas respostas possibilitaram analisar a percepção de usuários acerca das suas salas e cozinhas. A partir dos resultados obtidos, foi possível identificar que a organização é um fator importante para 73,2% dos participantes. Assim como a presença de cores nos ambientes, que 69,8% dos entrevistados relatam tornar o ambiente mais agradável. A presença de objetos pessoais torna, para cerca de 85% dos moradores, o ambiente mais agradável. A iluminação também é um fator relevante, com 75,6% dos abordados relatando influenciar no seu comportamento durante o dia. Por fim, a contatou-se que a funcionalidade é relevante para os participantes, com 68,6% relatando sua influência no bem-estar.

CONCLUSÕES

Conclui-se que a humanização dos ambientes residenciais, especificamente a sala e a cozinha, está relacionada à maneira como os indivíduos percebem, utilizam e atribuem significado ao espaço que vivem. Os resultados da pesquisa mostram que aspectos como cores, iluminação, organização, funcionalidade e presença de objetos pessoais e afetivos influenciam significativamente a convivência e contribuem para o bem-estar e para a criação de vínculos emocionais com o ambiente. Dessa forma, compreende-se que um espaço humanizado não depende apenas de características estéticas ou funcionais, mas também de como ele reflete a personalidade e a identidade, reforçando a necessidade de considerar a experiência dos usuários no desenvolvimento de produtos e projetos residenciais.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fundação Araucária pelo aporte financeiro concedido para a realização desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

COLIN, S. **Uma introdução à arquitetura**. 2000.

MOSLEHIAN, A.; WARNER, E.; ANDREWS, F. The impacts of kitchen and dining spatial design on cooking and eating experience in residential buildings: a scoping review. **Journal of Housing and the Built Environment**, [S.l.], v. 38, 2023. Disponível em: https://link.springer.com/article/10.1007/s10901-023-10027-z. Acesso em: 7 jan. 2026.

NORMAN, D. A. **Design emocional: por que adoramos (ou detestamos) os objetos do dia a dia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

PALLASMAA, J. **Habitar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

WOORTMANN, E. F. A comida como linguagem. **Habitus**, Goiânia, v. 5, n. 1, p. 103–128, 2007.

YIN, J. et al. Effects of biophilic indoor environment on stress and anxiety recovery: a between-subjects experiment. **Building and Environment,** [S.l.], v. 136, p. 116-125, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.buildenv.2018.04.017. Acesso em: 15 jan. 2026.